

# **O MUNDO QUE SE PERDEU NAS ÁGUAS DO TEMPO: O ROMANCE ‘USINA’ DE JOSÉ LINS DO REGO E AS IDENTIDADES DE GÊNERO “MASCULINAS” E “FEMININAS” NA REGIÃO NORDESTE (1920-1940)<sup>1</sup>**

Giuseppe R. P. L. de Oliveira<sup>2</sup>

Temos a intenção de por intermédio deste texto, discutir de que forma podemos nos apropriar do romance *Usina* (1936) escrito por José Lins do Rego como fonte historiográfica para os estudos das identidades de gênero masculinas e femininas da região Nordeste no início do século XX (1920-1940). Neste artigo, teremos a intenção de discutir duas fantasmagorias que assolavam essa sociedade patriarcal à identidade do sodomita e da prostituta. A primeira destas identidades, cria na figura do personagem Ricardo um outro distinto do homem ideal de sua região: o nordestino, tipo étnico-vigoroso, “macho por excelência”. A segunda, propõe discutir as representações da prostituta, como contraponto à definição dos códigos de conduta da mulher num momento de intenso crescimento urbano-industrial na região durante este período.

O texto também visa apreender as imposições e modalidades de discursos presentes na obra. Tendo em vista que os dispositivos de representação que dão à ler ou a entender o texto, buscamos utilizar a metodologia da História Cultural, nos apropriando da narrativa do romance e criando uma representação da Estória contada por José Lins do Rego à nossa maneira, pois, acreditamos que um texto é sempre ressignificado na prática furtiva da leitura. (CHARTIER: 1986, p. 122)

## **O Retorno: Ricardo e os amores que não se deixam falar**

Quando soubessem em Recife o que ele fizera na ilha, do seu envolvimento com o sr. Manuel...Na ilha todos sabiam da coisa, olhavam para os dois como marido e mulher. Ninguém reparava naquilo, quase todos viviam assim... Agora, estava sozinho no mundo, como um infeliz, um “Judas”! Seu Manuel gostava dele como ninguém. “Mas não poderia demonstrar aquele amor, seria levado no deboche, olhado como safado”. O corpo quebrado pelas trabalhadoras, pelas oito horas de picareta, o lombo doído, as mãos ardendo... Se dormisse era bom, se o mundo começasse outra vez seria uma ressurreição, mas não. O mundo não era o mesmo e o passado estava tão junto dele como se fosse naquele dia...

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>2</sup> Graduado em História (Licenciatura) pela Universidade Federal de Campina Grande.

Todos chegavam do presídio com impressão de um retorno do inferno. Para Ricardo não. Ele voltava e a vida que lhe apareceu foi uma vida de encarcerado sem esperanças. Para ele, só haveria um jeito: fugir para o Santa Rosa. Mas tudo por lá estaria mudado. “Falavam que no Santa Rosa existia agora uma usina montada”. (REGO: 2002, p. p. 74-80)

Era o que pensava Ricardo sentado no banco de segunda classe do trem da Paraíba<sup>3</sup>. Ao seu redor estavam os canaviais, os bueiros do engenho, as terras cobertas de roçados, os trabalhadores parando a enxada para ver o trem passar roncando... Uma experiência especulativa do mundo: estar fora dessas coisas que ai estão, lembranças destacadas, absolutas; surpreendido com sua efêmera e tranqüila estranheza.

Olhava de sua janela tudo isto, mas não via, com o pensamento que estava perdido por longe, nas lembranças que desfaziam e refaziam continuamente as relações que entre si, mantêm estes dois fixos (Espaço e Personagem) (CERTEAU: 1994, p.p. 194-195). Viera de Fernando de Noronha. Dois anos no presídio, no meio dos criminosos, com o mar imenso cercando eles de todos os lados. Lembrava-se da ilha...

Todos tinham raiva do mar, um ódio igual ao que tivessem pelas grades da cadeia. O mar prendia-os, o mar era o grande carcereiro. Sair de Fernando, fugir era mais um encontro com a morte, um suicídio a que muitos haviam se submetido. As escapulas da ilha eram contatas como os maiores acontecimentos que pudessem existir no mundo. Melhor cair no mar, nos quatro paus de jangada e deixar que o vento os levasse à vontade. Podia ser que dessem em uma praia, que eles pudessem ainda pisar em terra que não fosse a terra maldita da ilha. (REGO: 2002, p. 49)

Não ia deixar para sempre aquele Fernando infeliz? E por que agora não era o mesmo? Que força, que mandinga era aquela que ele não sabia decifrar? Os que esperavam anos e anos sem se afobar pela liberdade, o que não ficaria pensado de um negro que se dava bem no inferno? “Calado ficava com as sua fraquezas” (REGO: 2002, p.48). Nessa situação, o paradoxo é o silêncio das coisas colocadas à distância, que por trás da vidraça, de longe, faz a memória do personagem falar ou tiram da sombra os sonhos de seus segredos.

Foi necessário para José Lins do Rego esse corte, realizado no início do romance Usina, para que pudesse nascer fora dessas coisas, mas não sem elas, as paisagens conhecidas por intermédio dos discursos que dão visibilidade à região Nordeste e a esta intrigante fábula: os dramas existenciais de Ricardo que uma vez fora do engenho, se vê confrontado com uma nova possibilidade de identidade de gênero, com um novo modelo de subjetividade, o “ser” homossexual (ALBUQUERQUE JR : 2000, p.p. 29-30); e, por sentir por seu Manuel, um amor que nunca sentira por mulher nenhuma. Essa sua crise de masculinidade se torna no romance um amor que não se deixa falar a respeito.

---

<sup>3</sup> Referência ao antigo nome da capital do nosso estado, a velha Parahyba do Norte, atual João Pessoa.

Ao narrar os sentimentos de Ricardo por seu Manuel como um caso limite da vida social, deixando-o se exprimir apenas nos confins do mundo, “no meio do mar, perdido dos olhares de Deus”; Zé Lins, cria na figura de seu personagem uma espécie de ser ocioso, dispensável, um homem descartável por ter se entregado de corpo e alma às relações homossexuais com o sr. Manuel; um “outro” distinto do homem ideal de sua região: o nordestino, tipo étnico-vigoroso, macho por excelência, um homem heróico, flagelado pelas fatalidades sociais e climáticas. Visto por Zé Lins e seu amigo Freyre, como o herói de um grande número de histórias de coragem e de aventuras de amor. Tido como “cabra danado!” “Cabra escovado!” “O cabra bom!” “O cabra de confiança!” Homem a quem a imaginação do povo atribuía uma potência sexual extraordinária a quem não faltariam vantagens físicas, como também excepcionais de coragem e valentia. (FREYRE: 1989, p. p. 157-158)

Desse movimento realizado pelo autor, fica-nos uma questão e a necessidade de perguntar-se como e sob que forma o prazer obtido entre homens, pôde constituir-se num problema na obra em questão? Por que se torna esse personagem a incorporação das perversões da ordem social? Por que essa fisiologia misteriosa?

Na opinião de Durval Muniz Albuquerque Jr, a angústia diante do sexo, é típico dos personagens de Zé Lins; tal aspecto nos demonstra a passagem de um sexo acessório, de um sexo prático, “feito de buliçosas curiosidades de meninos”, sexo sem culpa, de uma sociedade de sangüinidade, para uma sociedade de sexualidade, do sexo centro do indivíduo, do sexo problema, catalogado entre a normalidade e a anormalidade; nesse contexto as relações homoeróticas, também simbolizam a decadência de uma sociedade cujo núcleo era a família e nela o patriarca, o homem viril. (ALBUQUERQUE JR: 1999, p.p. 135-135)

Na pesquisa que realizamos, percebemos uma certa simbologia da inversão da ordem entre senhores e escravos, que é aqui representado por intermédio do relacionamento amoroso de Ricardo e seu Manuel, “que era um branco, tinha um cabelo estirado como os brancos do Santa Rosa e vivia precisando dele, fazendo o impossível para lhe arranjar um agrado”.

Sobre este aspecto, Pierre Bourdieu e Michel Foucault, nos mostram que em inúmeras sociedades, a posse homossexual é vista como uma manifestação de “potência”, um ato de dominação (exercido como tal, em certos casos, para afirmar a superioridade “feminilizando” o outro) é a este título que entre os gregos, ela leva aquele que sofre a desonra à perda do estatuto de homem e de cidadão; ao passo que, para um cidadão romano, a homossexualidade “passiva” com um escravo é considerado algo “monstruoso”. (BOURDIEU: 2003, p. 32; FOUCAULT: 1985, p.28)

Ressalvadas as diferenças de procedimentos e o grande lapso de tempo entre a Antiguidade “clássica” e o Brasil “moderno”, observa, Luiz R. B. Mott no artigo Escravidão e Homossexualidade (1986), que as práticas homoeróticas entre senhores e escravos durante

os séculos XVI e XVII, nos Inquéritos da Inquisição, dos estados da Bahia, Pernambuco e Grão-Pará, tratavam da posição assumida no ato homossexual e as condições raciais dos parceiros, mostrando:

1° que os conceitos de ativo (“agente” como diziam no tempo da Inquisição) e passivo (“paciente”) são categorias repetidoras da bipolaridade heterossexual do macho-fêmea, não encontrando obrigatoriamente correspondência estrita nos atos homossexuais;

2° que ser penetrado ou penetrar não implica ipso facto em inferioridade ou superioridade de um parceiro vis-à-vis o outro;

3° que as preferências por uma ou outra posição, ou pelas duas, não reflete obrigatoriamente a hierarquia dominante fora da alcova. Assim é que encontramos nas relações sodomíticas inter-raciais todo um continuum de interações, ora os brancos exercendo seu poder e prepotência de casta superior, ora os de cor encontrando mil e um artifícios para serem eles os donos do poder ao menos neste micro-universo didático ditado pelo homoerotismo. Dispomos de alguns casos referentes a brancos prepotentes que confirmam as suposições de Gilberto Freyre quando conjecturou: ‘Nas condições econômicas e sociais favoráveis ao masoquismo e ao sadismo criadas pela colonização a princípio de homens quase sem mulher – e no sistema escravocrata de organização agrária do Brasil, na divisão da sociedade em senhores todo-poderosos e em escravos passivos, é que se devem procurar as causas principais do abuso de negros por brancos através de formas sadistas de amor que tanto se acentuaram entre nós e foram em geral atribuídas à luxúria africana’<sup>4</sup>.

Estamos certos de aqui não estarmos cometendo um anacronismo, mas que ao nível das práticas dos personagens Ricardo e do sr. Manuel nesse espaço, vemos que os mesmos podiam vir ou não a reproduzir os códigos de masculinidade, de gênero, bem como o dispositivo da sexualidade, entre homem e mulher; ativo e passivo, etc. De forma que a interação entre os respectivos personagens representa em Usina a inversão dessa ordem, pois “quando a noite entrava de ilha adentro, seu Manuel chegava-se para ele, vinha medroso, tremulo e, perto do seu negrinho, o assassino perdia a coragem, parecia mais uma pobre vítima, sem força para erguer a voz”.

Observando a circularidade existente entre discurso e práticas no sentido múltiplo das inter-relações existentes na trama de Usina, constatamos a existência de uma brecha entre o dizer e o fazer, neste micro-universo didático ditado pela fábula do relacionamento homoerótico de Ricardo e seu Manuel; pois, neste aspecto a ilha de Fernando de Noronha surge como espaço da inversão da ordem dominante, da perda da virilidade do homem nordestino, pois para homens como Zé Lins “custava a compreender a razão de seu Manuel, um homem com três mortes, fazer coisa assim, feito uma mulher no cio”. Por

---

<sup>4</sup> MOTT: 1986, p.p. 33-34

intermédio desses argumentos procuramos mostrar as evidências desta possível inversão (REGO: 2002, p. 47).

No engenho, nos códigos de sangüinidade, o homossexual não existia. O que havia era o sodomita, visto como um “bobo de Deus”, tipo destinado e marcado por desígnios sobrenaturais, que estavam aquém ou além da moral. Não era como o “homossexualismo”, esquadrihado e classificado pelos códigos da sexualidade como algo fora da natureza, da normalidade, como uma perversão ou doença, mas era um mistério que só o destino explicava.

A sodomia na região Nordeste seria coisa “dos tempos de menino, das porcarias que faziam entre si na bagaceira, ou de homens tidos quase como sacerdotes”, Zé Lins nos mostra que Ricardo, quando começa a perceber o interesse de seu Manuel, “lembra que no engenho havia, no entanto um velho dado àquela história”. Era o negro Pereira que tirava esmola para os santos. Diziam que ele gastava o dinheiro de Nossa Senhora do Rosário com os amigos. O velho Pereira vivia de opa e com prato, com a coroa da Virgem, andando pelas estradas, atrás de esmola. Gostava de viver com homens. Ricardo ouvia os cabras do eito falando da fraqueza do tio velho. Muitos deles já tinham sido na certa os preferidos, os papadores dos cobres de Nossa Senhora. No entanto, na frente do negro velho ninguém ousava uma palavra, um dito safado. Respeitavam-no, não lhe diziam nada que não fosse da maior consideração. As mulheres tinham o preto na conta de grande. Nenhuma que se atrevesse a uma palavra menos respeitosa. “Até as raparigas sabiam respeitar o grande concorrente”. Ricardo só conhecera no engenho aquele.

Neste ínterim, poderíamos afirmar que a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, uma espécie de hermafroditismo da alma; onde a identidade do “sodomita” originava práticas que beiravam o sagrado. Muito bem representada no personagem Mané Pereira, que de estrada à fora como enviado de Deus, pedindo para a gente do céu, compactuava com alguma conspiração diabólica. Se o sodomita dos antigos direitos civis ou canônicos era um reincidente, o homossexual passa a ser tomado como uma espécie pelo saber higienista a partir do ano de 1870. (FOUCAULT: 1988, p.p. 43-44)

Esta crescente visibilidade de práticas ainda enunciadas em Usina como “sodomíticas” começa a preocupar o saber médico na região Nordeste, que procurou estudar as causas e estabelecer formas de combate. O saber médico tendeu a considerar estas práticas como inversão sexual, como doença física ou psíquica que carecia de tratamento. Portanto como demonstra Durval Muniz, o termo “homossexualismo” vai sendo introduzido no país e na região por esse discurso médico, onde já nos anos trinta, advertia-se que não se poderiam tratar as “vítimas” da inversão sexual como pecadores, viciados ou criminosos, mas como

peessoas doentes, que em vez de serem castigadas, precisariam ser tratadas. (ALBUQUERQUE JR: 2003, p. 80)

No entanto, Zé Lins deixa transparecer em sua narrativa, que ali em Fernando era coisa comum. “Os homens-mulheres não eram raros como no engenho”. Seu Manuel cozinheiro era um. Não havia mais dúvida. A principio Ricardo teve medo, uma vergonha maior do que aquela de amar sozinho. Quando nas noites calmas da ilha. Sonhava com as suas mulheres: Isaura e Odete. Pensou naquilo com nojo uma porção de dias. “Um homem servir-se de outro...” Repugnante?! Não sabia o que dizer...O tempo, porém foi dando costumes às suas repugnâncias. (REGO: 2002, p.p. 42-45)

Acabara por gostar muito do outro, nunca ninguém fora dele assim, fizera dele um tudo no mundo. Ninguém no mundo tivera para ele um amor como aquele de seu Manuel. Ele Ricardo seria um Deus se quisesse para o outro. Seu Manuel rezava para ele, cantava, trabalhava. O dia de seu Manuel, os pensamentos, a alegria, a tristeza, tudo era dele. Agora se ia para sempre. Chorou também. Na partida do navio, houve passagens de cortar o coração. Choravam os presos na praia. Os que ficavam, os que se separavam de amigos, de apaixonados, separavam-se como mulher de marido que fosse levado para a guerra. E, na despedida da praia, enquanto todos se separavam, eles se abraçavam no meio do povo. Pela primeira vez em sua vida Ricardo sentiu que um ser dependia dele, que uma pessoa sofria por sua causa. (Idem. p. p.58-61)

Essa focalização em vivências fortemente problemáticas nos revela os paradoxos das construções sociais de gênero; pois, se encontram sempre inscritas no próprio modo de construção social da idéia de “masculino”. Uma virilidade que supõe, a disponibilidade total para a realização das atividades sexuais, associadas ao lugar simbólico do “masculino” como lugar da iniciativa sexual. Ou seja, o masculino como “cabra macho” que macula, mas não pode ser maculado.

Nessa passagem também vemos que a amizade dos personagens inventados por Zé Lins, surgir como uma “válvula de escape” permitindo inventar um espaço de desvio. Uma saída para o dilema entre uma saturação de relações surgidas da dinâmica da modernização e de uma solidão ameaçadora. A amizade de Ricardo e seu Manuel nesta narrativa, veio à tona como uma alternativa a vínculos tradicionais como o matrimônio e a ausência ou separação espacial de suas famílias, a amizade pôde satisfazer nesta estória, necessidades afetivas sem cortar a autonomia social e a independência, que Ricardo acabara de ganhar com a possibilidade de voltar a Recife.

Sobre essas considerações, Francisco Ortega, no livro *Amizade e Estética da Existência em Foucault* (1999) nos mostra que a amizade aceita social e culturalmente, não representaria um problema, mas desde que a amizade se desfaz como forma de relação tolerada culturalmente, uma indagação paira no ar: “O que fazem os homens juntos?” E a

homossexualidade acaba por se tornar um dilema médico e sóciopolítico. Contudo, os homens e o masculino raramente são contextualizados numa problemática de gênero. Para esta parte do romance consagrado ao masculino pareceu-me útil analisar as relações que ligam os homens e as relações sociais de sexualidade ao longo desta trama, questionando a exclusividade dos papéis ditos masculinos, onde especificamente nesta representação “o feminino” se torna pólo antagônico central, o inimigo interior que deve ser combatido. (ORTEGA: 1999, p. 165)

Isso nos mostra o papel central que a homofobia desempenha. O papel de coerção social que se exerce entre os homens desde os primeiros passos de sua educação. Por isso a necessidade de entre os homens da região Nordeste se valorizar a virilidade, de mostrar-se superior, forte, competitivo...Senão, são tratados como os fracos e como as mulheres. Por isso era que Ricardo não podia ficar em Recife. “Não tinha amor por mulher, não tinha a fé de Leopoldina, a coragem de Sebastião, a raiva de Deodato, a bondade de Jesuíno. O amor de seu Manuel enchera-lhe os dias da ilha de uma satisfação incalculável. E não podia falar disto a ninguém. Amor de um homem que era a miséria de um para com os outros” .

Passavam as estações. E Ricardo via as chaminés das usinas, altas como torres, de tijolos encarnados, bem diferentes dos bueiros brancos dos engenhos. Como estaria o Santa Rosa virado em usina? Teriam botado abaixo a casa rasteira do engenho, teriam subido os paredões, construindo uma chaminé como aquela que ele via igual às das fábricas de tecido? A casa do Santa Rosa estava na sua frente, bem nítida, a casa-grande, a gameleira, os pés de flamboyant, o curral, a casa de farinha, a rua aonde dormiam as negras que vinham do cativeiro. Teriam mudado tudo isso? A ânsia de chegar, de botar os pés na terra que conhecia palmo a palmo, de pisar a terra que os seus pés de menino pisaram, perturbava a visão do negro, de olhos estendidos para a paisagem que o trem cortava. E, enquanto o trem corria, Ricardo sonhava. Há não sei quantos anos num banco daquele viera para a terra, aonde os negros eram mais livres, mais do que no engenho, aonde em vez de alugados, seriam empregados, onde tivessem regalia de homem livre, e pudessem mandar em sua vida. Tivera a vida nas mãos e fora àquela desgraça. (REGO: 2002, p. 82)

E imutável, o viajante alojado no seu compartimento, numerado e controlado no tabuleiro do vagão, abandonado aos excessos minuciosamente delineados e mapeados nesta paisagem. E neste isolamento o personagem Ricardo torna possível a produção de uma ordem. De um mundo que se fazia na contra-mão da modernidade e da urbanização de Recife.(CERTEAU: 1994, p. 193)

Acabou o isolamento do passeio. A bela abstração do vagão, sucede agora ao compromisso e a opacidade, de sua dependência, e, o moleque pisa por fim, em terra firme. Era ali mesmo, onde há oito anos passados vinha buscar os jornais do coronel. A vida lhe tirara a goga de ser livre. Prendera os pés, os seus braços com correntes mais pesadas que

aquelas que os negros arrastavam no cativoiro. Foi andando. O cheiro do mato entrava-lhe de ventos adentro. Aquilo não era cheiro de quintal de Recife, de mato rasteiro da ilha. Via bem a chaminé vermelha da usina subindo para o céu limpo. (REGO: 2002, p. p. 86-87)

E o rio Paraíba descia com sua água barrenta. Corria manso, sereno, sem aquela raiva das enchentes perigosas. Aquele era o seu rio, a água barrenta dos seus banhos, das travessias, dos cangapés de seu tempo de menino. (Id. Ibidem, p. 85)

## **2- Mulheres, açúcar e Usina: A ascensão e queda do Dr. Juca**

No quarto ano de safra a vida da família do usineiro conhecera uma mudança quase que radical. Os meninos já não estudavam na Paraíba. Haviam passado para os colégios caros de Recife, no entanto, d. Dondon não ia muito com esta ostentação. Mas o marido queria, fazia questão que a família dispusesse de todo o conforto. Ele mesmo não saía do automóvel, da Paraíba ao Recife, gastando sem pena, dado que era, como sempre fora, às mulheres, aos prazeres das companhias alegres. Com açúcar, em alta, às exigências e os luxos do dr. Juca eram correspondidos.

Sozinho na casa-grande, o dr. Juca trazia sempre para passar o seu tempo um ou outro amigo da cidade. Eram seus companheiros de noitadas, sujeitos que viviam do açúcar da Bom Jesus, “das liberalidades de um usineiro que não tinha pena de gastar”. Às vezes chegavam até com mulheres que desejavam ver a usina moer. Por isto o dr. Juca não queria a mulher e os filhos metidos na Bom Jesus. Ficasse d. Dondon na Paraíba, no palacete bonito, que comprara, e os filhos nos colégios de Recife. Usina era lugar de trabalho. Catunda e Tiúma não tinham mulher de usineiro empatando os serviços, eram firmas comerciais, dando as suas ordens, ordens secas, resolvendo tudo sem pena de ninguém. E por isso foram para diante do jeito que foram. (Id. Ibidem, p.p. 169-170 et p.p. 223-226)

D. Dondon porém, na sua casa da cidade, não se sentia à vontade. Vivia sempre reclamando a sua vida da casa-grande. Juca não permitia que ficasse sozinha, sem os meninos por lá. Só pelas férias é que voltaria para o casarão amigo, para os seus passeios à tarde pela estrada, com os filhos andando pelos arredores. O marido, nos tempos da moagem, demorava-se mais ao seu lado. Até alta noite ficava ele dando ordens, olhando para o serviço, que estava sempre precisando de gente para mandar. Usina não era bangüê que andava por si, que se deixava governar por um simples mestre-de-açúcar.

Aquela usina viera para lhe destruir a vida. Juca não queria mais saber dela. E, d. Dondon não podia deixar de saber das vadiagens do marido. Casara-se sabendo das histórias do noivo. Falaram-lhe das cachorradas do engenho, das raparigas na Paraíba. Outras, como ela, teriam tido maridos assim. “Ali pelos engenhos os maridos tinham direitos que elas



mulheres respeitavam”. O exemplo dos velhos animava-os. O dr. Juca não escandalizava a mulher com as suas histórias. Mas o relaxamento do marido estava fazendo as meninas sofrerem. Com filha moça dentro de casa, a coisa mudava de figura. Elas não suportariam um pai vadio, vivendo de mulher em mulher. Por ela não se importava mais. Sabia muito bem que estava ficando velha. Agora ela só existia mesmo para os filhos, para encobrir do marido as traquinagens dos meninos e os namoros das meninas.

Dondon não sofria pelas traições do marido, porque dispunha de quatro criaturas que lhe enchiam a existência. Juca podia fazer o que bem quisesse. Desde que respeitasse a ela e aos filhos, pouco se importaria com as pernadas que desse por fora. “Não era mais uma criança para andar sofrendo de amor. Tinha as filhas para ajudá-las, para pensar no casamento delas. Deus as livrasse de homens raparigueiros como o pai, como os avôs delas, gente para quem a mulher era só para dentro de casa, como um móvel<sup>5</sup>. Queria maridos para as suas filhas, maridos bons, que não fossem aqueles homens grosseiros dos engenhos, que só queriam mulher para lhes encher a barriga de filhos. Nossa Senhora da Conceição daria rapazes de linha, que soubessem tratar bem Maria Augusta e Clarisse, como elas de fato mereciam”. (Idem, p. 137)

Percebemos ao longo da narrativa que as relações entre essas famílias patriarcais eram baseadas em um desejo homosocial, de uma sexualidade recalcada pelo tabu do incesto, relações entre homens que, em última instância, concernem a laços entre os mesmos, mas que ocorrem por intermédio da troca e da distribuição heterossexual das mulheres (BUTLER: 2003, p. 70). Dessa forma percebe-se que, o poder estava contido no fator masculino desta sociedade, de homens que controlavam mulheres e filhos, assim como as oligarquias locais. Percebe-se ainda nessa trama, que as mulheres têm um caráter secundário, aparecendo apenas para dar reflexo e significar as honras dos homens e o falocentrismo desta sociedade “que se perdeu no tempo”. (OLIVEIRA: 2005, p. 53)

Até aqui, vemos também, que nos espaços, e com eles, delineiam-se as funções e estabelecem-se as relações entre os gêneros. A casa enquanto mundo feminino é o espaço onde se explicitam as funções das mulheres: a maternidade e o zelo doméstico. Lugar que lhes propiciam o dever de serem laboriosas e de cercarem os seus homens de cuidados, de zelarem pela felicidade dos filhos. Aos homens, ficava reservado o espaço público, lugar onde buscavam o sustento da família, que também se tornava para alguns, espaço da diversão, onde depois da rotina do trabalho caíam na boêmia em busca dos prazeres noturnos.

Essa divisão dos espaços presente na narrativa de Usina é oriunda do processo de urbanização e industrialização emergente nos anos 20 do século passado, e trouxe neste momento, a preocupação com a ordem e o trabalho. Gerando a necessidade de diferenciar

---

<sup>5</sup> Grifos Nossos. G. R.

o espaço do trabalho de outros espaços, tornando cada vez mais clara uma divisão no mundo urbano. (Id. Ibidem, p. 57)

Ao longo deste artigo, podemos demonstrar que a literatura pôde nos revelar aspectos importantes das identidades de gênero “masculinas” e “femininas” da região Nordeste. Pois, em *Usina José Lins do Rego*, foi capaz de traduzir os anseios, e de captar as angustias, fantasias e desejos de sua época, e não apenas da classe social, a que pertencia o autor. Zé Lins, por intermédio desta fábula construiu a sua representação do fenômeno, atuando como ponto de referência para o historiador e respondendo às suas aspirações: o enquadramento conceitual da mulher enquanto “rainha do lar” ou “mulher da vida”.

Esses enquadramentos impulsionaram mudanças nos costumes familiares do modelo patriarcal da família do personagem Juca, que representam neste contexto a confusão nos modos de ser “homem” e “mulher” na região Nordeste durante o início do século XX. A intenção de discutir os discursos que constituem as representações da prostituição na obra em questão, nos mostra à emergente preocupação com a moralidade pública e, mais especificamente, com a definição dos códigos de conduta da mulher num momento intenso de crescimento urbano-industrial.

Sobre essa questão, Margareth Rago no seu livro *Os Prazeres da Noite – Prostituição e Códigos da Sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)* (1991); nos propõe que tal enquadramento conceitual fora o caminho que os homens cultos do período encontraram para se referirem à condição feminina, aprazendo-se, em representar as mulheres de forma muito enfeitadas e embelezadas por todas as pompas artificiais, seja qual for o meio que pertençam. O delineamento dos contornos que assumia a geografia do prazer, em torno do bordel se constitui para os homens deste período em um universo de atividades de lazer e cultura, antes inexistentes no espaço urbano. Aqui, ressaltadas as diferenças geográficas e econômicas entre São Paulo e o Nordeste, vemos a validade desta argumentação. (RAGO: 1991, p. 26)

Nesta secção, nos voltaremos para os códigos que regem as práticas vigentes nesse microcosmo para a natureza das relações que se estabelecem entre clientes, caftinas e entre as próprias meretrizes, e para aquilo que diferencia o alto e o baixo meretrício no campo das representações elaboradas em *Usina* por Zé Lins. Onde, *Jacqueline na Pensão Mimi* com suas polacas “afrancesadas” representam o luxo e o poder de modernização, e ascensão social dos ricos coronéis e jovens bacharéis. Assim como a *Pensão Peixe-Boi*, com as suas “meninas-da-terra” representadas como prostitutas de baixo escalão, seria o espaço propício para os homens das classes populares e de decadentes senhores de engenho. Neste contexto, d. Julia aparece como a representação da “rapariga nordestina” humanitária e anti-burguesa. (REGO: 2002, p.p. 122-123)

Na Pensão Mimi, da francesa Jacqueline, moravam as mulheres da vida, as mais caras do Recife. Estrangeiras experimentadas ou nacionais que atingiam à aristocracia da prostituição, pela beleza, pela mocidade, ou proteção dos coronéis abastados. Uma casa grande, velho sobrado de três andares, que vivia cheia dos ricos da região. Ir à pensão Mimi era sinal de boa situação financeira. Aqui na narrativa de Zé Lins, vemos que o mundo da prostituição era vivenciado, no plano simbólico, em sua dimensão modernizante. Pois, relacionar-se com a prostituta estrangeira, mulher experiente e desconhecida como Jacqueline, satisfazia a expectativa dos coronéis e dos usineiros de se verem introduzidos nos hábitos sexuais avançados das sociedades modernas como na França e na Inglaterra no final do século XIX. Estes senhores por sua vez, não mediam esforços para tanto. Pois por intermédio do mundo da prostituição, esperavam entrar no compasso da história, absorvendo e consumindo práticas e mercadorias européias, profundamente mistificadas.

À noite, Jacqueline, uma mulher alta, bem-falante, presidia à exibição das suas mulheres, sentadas pelas mesas pequenas. Ela mesma passeava de grupo em grupo, dirigindo o serviço de bebidas, com um cálice ou um copo em cada mesa. Era o quartel-general dos usineiros, que gastavam à larga. A francesa sabida conhecia os homens, sabia da situação financeira de todos e regulava as despesas conforme queria. Esta imagética elaborada no romance, apresenta Jacqueline como rebelde, independente e noturna, por intermédio desta representação, vemos aqui toda uma mitologia que envolvia a “francesa”, a “polaca”, a estrangeira enfim; insistindo em seus múltiplos saberes e segredos.

De fora, parece-nos que Jacqueline era capaz de lançar uma luminosidade nova sobre antigas práticas, arejando as relações sociais e sexuais e metamorfoseando o cotidiano monótono. Em torno dela, Zé Lins elaborou múltiplas possibilidades de expansão das formas de consumo do prazer que podiam ser imaginadas e vivenciadas nessa mescla de fantasia e realidade, o que também não ausenta elementos de violência, como veremos ao longo deste artigo. (RAGO: 1991, p. 169)

O dr. Juca, da Bom Jesus, enrabichara-se com a Clarinda da Mimi. Os amigos gabavam-lhe o gosto. De fato, a pequena merecia trato. Outras já teriam passado pelas suas mãos. A sua fama corria pelas mansões alegres. Era conhecido e respeitado pelas donas de pensão. Aonde chegasse o melhor pedaço seria seu. Agora as noitadas na pensão Mimi, corriam soltas, e quando ele chegava da usina, não tinha pena de gastar. As “polacas” cresciam o beijo de inveja. Com um coronel daquele comprariam um castelo na terra delas. (REGO: 2002, p. 119)

E as mulheres bebiam o champanha. Os licores de Jacqueline entretanto, não estavam esperando por ninguém. Açúcar dava anel de brilhante, felicidade a Clarinda, solidez a Jacqueline. Mulheres e bebidas tinham o gosto de mel. Quem dava força aos amores, quem

perfumava o leito das raparigas? Quem inflamava aqueles antros de alegria? Era o açúcar da Bom Jesus, da Santa Luzia, da Camaragibe, etc.

Às vezes o dr. Juca chegava com outros. Jacqueline vinha fazer sala aos convivas. E conversa dos homens era a de sempre. Falavam de safras, tratavam de preço de cana, de tabela de fornecedores. O dr. Juca dizia que na Paraíba não admitia aqueles absurdos. Fiscal na sua balança, olho de estranhos nos seus negócios, não permitia em absoluto. Os amigos concordavam. Se todos os usineiros se unissem, se não fosse aquela ganância de zona, fornecedor teria que chegar para o que eles bem quisessem. Mas não, faziam guerra uns aos outros.

Os conchavos políticos que se cruzavam nas noites boêmias da Pensão Mimi, em meio a ceias prolongadas e ao som de músicas animadas, obedeciam a todo um jogo codificado de trocas simbólicas e a um ritual de civilidade. E a conversa continuava, “Catunda, dispunha de um mundo de terras, fazendo questão por um engenho que mais servia a outra usina”. E com relação ao preço de trabalhador, era o que se via, uma competência daquelas. Havia usinas que estavam pagando quatro mil-réis por dia, um verdadeiro absurdo. E ao lado desses encontros e das articulações políticas entre os homens da elite, as práticas sexuais ilícitas, as aventuras românticas e a circulação dos afetos configuraram Recife como a cidade do prazer e da festa. Neste aspecto, a cidade noturna vingava-se da cidade diurna do trabalho e da disciplina industrial.

Na Pensão Peixe-Boi a vida rasteja mais pelo chão. A escada do sobrado tinha tapete e Britinho tocava piano. D. Júlia, proprietária, tinha uma malha escura no rosto e de tão feia ganhara a alcunha, que lhe era retrato fiel. A sua pensão fora da moda, lá pelas bandas de 1900, fora a casa mais importante do Recife, assim contava José Lins do Rego. Enriquecera mas gostava da profissão, amava viver de mulheres, descobrir uma mercadoria nova, uma peça rica e mercadejar com a carne das outras. A vida de d. Júlia era como se fosse um romance impróprio para menores, com pedaços porém que levariam lágrimas aos olhos, de tão comovidos.

Fornecedores de cana procuravam mais o povo de d. Júlia. Não podiam com o champanha da Mimi, não agüentavam o repuxo de usineiro. D. Júlia tratava os seus clientes com intimidade. Chamava-os sem os seus títulos. Era somente: Senhorzinho, João Manuel, Campos, Canuto, sem cerimônia. Eles respeitavam mesmo a veterana. O açúcar, que se derretia na Peixe-Boi, não seria da grã-fina da Mimi. Açúcar bruto era o que ficava pela gente da d. Júlia. Ali se tinha conta de beber. Mulher em sua casa não pedia bebida para estragar. Por isto se zangava quando sabia que um cliente se passava para outra casa. (REGO: 2002, p. 125)

A caftina administrava um pequeno negócio na verdade. Empregava garçons, arrumadeiras, músicos, porteiros, meninos de recados. Como já trabalhara como prostituta, conhecia bem os problemas que uma jovem podia enfrentar.

E por isso d. Júlia dava gritos nas suas “meninas”, brigava muito, mas, quando chegava na hora triste, acalentava com suas histórias as que sofriam de amor. Era a mãe de todas. Ela mesma dizia que ali na casa era uma família só. Ela até deixava que as suas mulheres amassem, desfrutassem os seus rapazes, desde que tivessem servido aos coronéis. É claro que mantinha um alto grau de controle e exploração sobre as “meninas” como nos mostra satiricamente o autor.

A vida na casa de d. Júlia tinha a sua dignidade, os seus códigos de honra. Bastava saber que uma mulher sua fazia o que não devia para botá-la no ostracismo. Fosse para os infernos. D. Júlia nunca fizera, em tempo de moça, aquelas desgraças. Aqui vemos que d. Júlia controlava os mínimos gestos de suas “meninas” da pensão, a quem introduzia nos códigos de mundanidade. Conversava com os seus clientes, abria-se com eles, e essas habilidades e a perspicácia no jogo de cintura nos relacionamentos com as suas “pensionistas” tornou inegável a importância que adquiria na vida social da cidade, o espaço do bordel ou do cabaré.

Logo, bendita ou maldita, d. Julia era uma mulher bastante solicitada pelos homens interessados em suas “protegidas” e na descrição que o seu estabelecimento garantia. Provavelmente ela devia se sentir bastante gratificada em sua profissão, já que a o contrário das senhoras “respeitáveis” como d. Dondon, que eram impedidas de participar do mundo público essencialmente masculino, d. Júlia era uma empresária capitalista, que se relacionava com homens influentes, dos quais conhecia segredos íntimos. O que nos sugere que era vista socialmente como alguém que mantinha uma relação de exterioridade com o desejo, pois não se prostituía, “negociava com a carne das outras”. (RAGO: 1991, p. 176)

As mulheres de d. Júlia eram escolhidas a dedo. Não queria francesas e nem polacas no seu elenco. Policiava as suas mulheres. Não queria viciadas, sem-vergonhas que lhe sujassem a respeitabilidade da casa. (REGO: 2002, p. 124)

Essa substituição progressiva das prostitutas nacionais por estrangeiras, como iniciadoras do nordestino adolescente no amor físico, ou como objetos de “dispêndio conspícuo”, da parte de homens de idade, homens de fortuna como Juca, desejosos de exhibir ou de ostentar nas amantes, ora a pujança do sexo, ora a opulência da sua situação econômica; seria a explicação para esta mutação histórica pela qual a sociedade açucareira vinha passando. A “menina-da-terra” representaria as tradições patriarcais, rurais, escravocratas; a “francesa” representaria a modernidade e a civilização urbana. (ALBUQUERQUE JR: 2003, p.p. 112-113)

Por isso as visitas do dr. Juca, à Pensão Mimi vinham lhe exasperando. Era assim que ele pagava a sua dedicação. Quanta coisa boa não arranjava para o usineiro! O bicho enricara, botara usina, gente daquele jeito não ia com ela; gostava do Caetaninho, da Pontegi. Há vinte anos que era seu freguês. Fora senhor de engenho e era usineiro sem mudar de cara. Não vinha ao Recife que não fosse à sua casa. “Homem de bem fazia era assim”. “O Juca crescera a barriga. Porém as francesas vingariam as suas mágoas”. Deixasse só o açúcar cair. Já vira em Recife usineiro tomando benção a cachorro. Açúcar virar lama nos armazéns. (REGO: 2002, p. 126)

E d. Júlia tinha razão, foram os tempos áureos das pensões alegres. Os coronéis do açúcar, debandaram-se. Um saco por vinte mil-réis não dava pra nada. Precisavam de três para uma garrafa de champanha. As pensões mais importantes fechavam as portas. Só iam ficando os prostíbulos, os que vivem de migalhas. D. Júlia resistiu. A sua freguesia não era das grandes, das que tinham se abalado com a crise.

Clarinda acabou caindo na Peixe-Boi. Jacqueline havia passado a pensão a uma polaca e a nova proprietária não se conformava com a conta atrasada da hospede. O seu coronel não podia pagar mais, fora perdendo aos poucos a força. Até a Jacqueline ficara devendo. Clarinda porém gostava dele. Por conta dele fizera passeio ao Rio. Nunca lhe pedira uma coisa, que lhe negasse. Ligara-se ao dr. Juca e há mais de cinco anos não conhecia outro homem. E agora estava ela na Peixe-Boi, lugar horrível. E o dr. Juca não podia montar mais uma casa e as outras pensões ainda ficavam abaixo, de vida mais infeta. (Id. Ibidem, p.p.318-320)

D. Júlia a recebera de cara feia. Não queria saber de mulheres que viviam com francesas, aprendendo coisas ruins. Francesa e polaca só sabiam fazer porcaria. Clarinda entrara ali, na sua casa, levada pelo dr. Juca. No dia mesmo em que o dr. Juca lhe falara para Clarinda ficar na sua pensão, dissera com franqueza o que pensava. Só aceitava por causa dele. Mulher que vivera com francesa, se acostumara com os vícios, com as cachorradas das outras.

D. Júlia falava de francesas perto de Clarinda para castigar. Viver com francesas, para a velha, era a mesma coisa que ser francesa. Não sabia como uma mulher, que se prezava agüentava aquela canalha. D. Júlia não tinha papas na língua. Quando chegavam seus coronéis do interior se abria com eles, metendo o pau nos usineiros. Eles andavam agora titica, roubando os fornecedores, descontando nas costas dos outros os estragos que fizeram.

Clarinda vivia assim cercada de hostilidades. O seu coronel pouco vinha à pensão e quando aparecia se queixava de doenças. E só, sem homem, sem uma proteção visível, ela não podia suportar a implicância das colegas. Vivia mais no seu quarto. D. Júlia dizia porém que

não queria saber de freira em sua casa. E acabasse Clarinda com aquele luxo de amante de usineiro, que era melhor. Mulher, em sua casa, teria que atender à freguesia.

loiô do Maré, um velho amigo de d. Júlia, vira Clarinda e ficara desejoso. Falou à velha. E tanto fez que d. Júlia cantou a menina: não fazia mal. O coronel dela pouco vinha ali e não saberia nunca do caso. Ela se responsabilizaria pela coisa. D. Júlia voltou com mais modos, mais delicada, chamando-a de minha filha, invocando a amizade que tinha pelas mulheres de sua casa. Todas eram suas filhas, só pensava no futuro delas. E tanto falou que Clarinda recebeu o coronel loiô. Portanto, percebemos que participar do submundo da prostituição no Nordeste das décadas iniciais do século podia não ser uma experiência apenas negativa e imoral, para muitos homens de destaque no mundo da política e das finanças, a companhia da meretriz preenchia seus anseios de ser admirado pela virilidade pela capacidade de conquistas amorosas, que levava a contabilizar, nas conversas com amigos, as vitórias obtidas, exceto para aqueles que viviam uma debláque econômica como o dr. Juca. (RAGO: 1991, p. 187)

E o coronel loiô se gabou logo ao dr. Dinis e a história correu. A amante do Juca, da Bom Jesus, estava recebendo. A goga do Juca estava quebrada. E o dr. Dinis que levava um contra da Clarinda se rejubilou. Outros souberam. Riram-se, mangaram do colega. Não havia amante fiel com açúcar de vinte mil-réis o saco (REGO: 2002, p.p. 322-323). Figura nômade, Clarinda não se sedentarizou numa única relação, “a sereia cantou para Clarinda”, e “após o coronel loiô vieram outros”, mudando constantemente de identidade. Nomadismos geográficos, que a levava a viajar insistentemente ou a mudar-se com freqüência, como observava o saber médico do final século XIX e início do século XX. Nomadismo sexual dos corpos: não apenas pela troca rápida dos fregueses, mas pelos usos sexuais do próprio corpo, ora “francesa”, ora “polaca”, ora “nordestina”, ela vive as fantasias e as expectativas dos fregueses. (RAGO: 1991, p. 198)

Quando o dr. Juca soube, quis ir à pensão e dar uma sova na safada. Pensou, avaliou-se. A doença ganhava o seu corpo. Já se sentia sem ânimo para o amor. Nunca experimentara aquilo que estava sentindo, aquela fraqueza do que nele sempre fora forte, pronto para toda a hora. Quisera ir a um médico mas teve vergonha. Acreditava que passaria com o tempo Orsine lhe trouxera a notícia da cachorrada de Clarinda. O primeiro desejo fora correr à pensão e dar um ensino na cabra. Mas não era o mesmo dr. Juca. Aquilo poderia virar um escândalo se a mulher e as filhas viessem a saber. Ele não procuraria mais Clarinda. Não tinha cara para subir as escadas da Peixe-Boi. Todo mundo, quando ele entrasse, estaria mangando dele, fazendo pouco. Fizera correr champanha na Mimi. Enchera dedos de anel, dera casa para morar a raparigas. Tudo aquilo lhe parecia de uma era distante e que fora outro homem que fizera aqueles estragos. (REGO: 2002, p. 324)

Por fim vemos aqui uma outra face da prostituição, simbolizada como doença social e revelada pelo saber médico através da associação à idéia de luxo, ilicitamente obtido através da ociosidade aliada à ambição, como nos mostra Magali Engel. Pois, disfarçada de fada da felicidade, a prostituta comercializava o prazer, gerando a ostentação, o desperdício e destruindo o patrimônio da família para alimentar o luxo. Deste modo, a prostituição afigura-se não apenas como um atentado ao trabalho, mas também como uma agressão ao fruto do mesmo. Fortemente associada à noção de desperdício, opõe-se à idéia de acumulação, manifestando-se como elemento destruidor do patrimônio, da fortuna, da propriedade constituída. (ENGEL: 1986, p. 189)

Agora era o que se via: várzea do Paraíba nas mãos de um só dono, o dr. Luís. Ele tinha dinheiro, tinha cabras, tinha são Luís a seu favor. O dr. Juca que passava de Packard pela sua porta, espanando areia pela estrada. Não tinha mais dinheiro nem tão pouco, saúde. Estava agora em casa, andando pelas mãos dos outros, a filha e a mulher andando de trem, sem luxo. As raparigas da Paraíba compraram casas, raparigas de Recife receberam jóias de contos de réis. Ele dr. Luís não enchia as listas do padre Almeida, não pagava para ninguém beber, não tinha Orsine para olhar as coisas para ele. A São Félix ficaria a grande matriz, comera engenhos, comera usinas, o Pindoba, o Puchi e a Bom Jesus. (REGO: 2002, p. 368)

Fora-se o velho José Paulino, acabara-se o Santa Rosa. E estava ali o dr. Juca como um aleijado e a Bom Jesus no fim, sem força para moer um feixe de cana. Lá por dentro a usineira chorava. (Idem, p. 375)

O Paraíba inchava de cheio, roncando. As suas águas cresciam. Falavam de açude arrombado no sertão. O bicho já andava pelas várzeas, repetindo a façanha de 75 e de 23. Da casa-grande avistava-se o vermelhão cobrindo a mataria da várzea. E relâmpagos nas cabeceiras. E chuva que não parava.

O povo descia da caatinga para ver o monstro roncando. Um ronco sinistro com as águas que comiam as ribanceiras, que ruíam com estrépito. Não havia canoeiro que tivesse coragem de meter uma canoa n'água. A correnteza não dava tempo para manobra. Árvores enormes passavam de cabeleira de fora. Marizeiros arrancados pelas raízes como touceiras de coentro. (Idem, p. 377)

A respeito da enchente do rio Paraíba, Gilberto Freyre nos mostra que os rios verdadeiramente da "mata" nunca secam de todo nem os olhos-d'água ficam estorricados, às vezes transbordam de forma desadorada e terrível. As grandes cheias deixavam sem mocambo centenas de gente pobre. Às vezes se afoitam até pelas casas-grandes. Como aconteceu no romance Usina. E Freyre nos conta, que José Lins do Rego, em página



extraordinária<sup>6</sup>, nos mostrou uma das enchentes mais fortes que já se escreveram em nossa língua, o que são essas cheias nos engenhos do Nordeste; onde a água de repente, se torna o maior inimigo do homem, dos bichos, das plantas. (FREYRE: 1989, p. 63)

O usineiro e a família deixavam a Bom Jesus para a caatinga. Iam ele, a filha Maria Augusta, d. Dondon e as negras. Rafael a pé acompanhava a retirada. Miguel Targino levava os bois para os atalhos. O povo, lá do alto, olhava as águas furiosas. Tocavam búzio que era gemido profundo, um chamado de socorro de quem estivesse morrendo. O carro já atravessava a bueira para o alto. (REGO: 2002, p. 379)

Era quase de noite. O sol se ia, sem nem uma cinta vermelha no poente. Tudo cor de chumbo, no céu. A noite chegava. Chovia. E d. Dondon olhou lá para baixo. Tudo ia se escurecendo. Só mesmo, de muito longe, a lanterna do monumento de Nossa Senhora da Conceição atravessava o rio e a chuva. Aí o dr. Juca falou para a mulher, para a filha e as negras: - “Isso é o mesmo que pedir esmola”. (Idem, p.p. 380-381)

E o rio veio como água benta para lhes redimir de seus “pecados”. Um mundo inteiro que se perdeu nas águas barrentas do Paraíba.

### Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE JR., D. M. A Invenção do Nordeste e Outras Artes. Prefácio de Margareth Rago. Recife: FIN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. “Cabra macho sim senhor! – Identidade Regional e Identidade de Gênero no Nordeste”. In: Territórios e Fronteiras. V: 1: n° 1 – julho-dezembro. 2000. Revista do Programa de Pós-Graduação em História. P.p. 25-39.

\_\_\_\_\_. Nordestino: Uma Invenção do Falo - Uma História do Gênero Masculino (Nordeste – 1920/1940). Ed. Catavento, Maceió, 2003.

BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. Tradução Maria Helena Kuhner – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUTLER, Judith P. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da Identidade/ Judith P. Butler; tradução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. História Cultural entre Práticas e Representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro RJ, Editora Bertrand, 1988

ENGEL, M. “O Médico, a Prostituta e os Significados do Corpo”. In: História e Sexualidade no Brasil/ Ronaldo Vainfas (Organizador). – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

FREYRE, Gilberto. Nordeste. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade 1; A Vontade de Saber, Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon de Albuquerque. ED. Graal, Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade 2; O Uso dos Prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade, 3: O Cuidado de Si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

<sup>6</sup> Devemos levar em consideração que *Usina* de José Lins do Rego fora escrito em 1936, portanto, antecede a publicação da 1ª edição de *Nordeste* (1937), por isso, no momento em que o escreve, Freyre o considere ainda inédito.

MOTT, Luiz R. B. "Escravidão e Homossexualidade". In. História e Sexualidade no Brasil/ Ronaldo Vainfas (Organizador). – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986. p.p. 19-40

OLIVEIRA, Giuseppe R. P. L. Luís da Câmara Cascudo e a Invenção do "feminino" na "cultura-popular-nordestina". Monografia de conclusão de curso. Mimeo. UFCG, 2005.

ORTEGA, Francisco. Amizade e Estética da Existência em Foucault/ Prefácio de Jurandir Freire Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1999.

RAGO, M. Os Prazeres da Noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 – 1930. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1991.

REGO, J. L. Usina: Romance/ José Lins do Rego; estudo de Antônio Vilaça – 15ª ed – Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.